

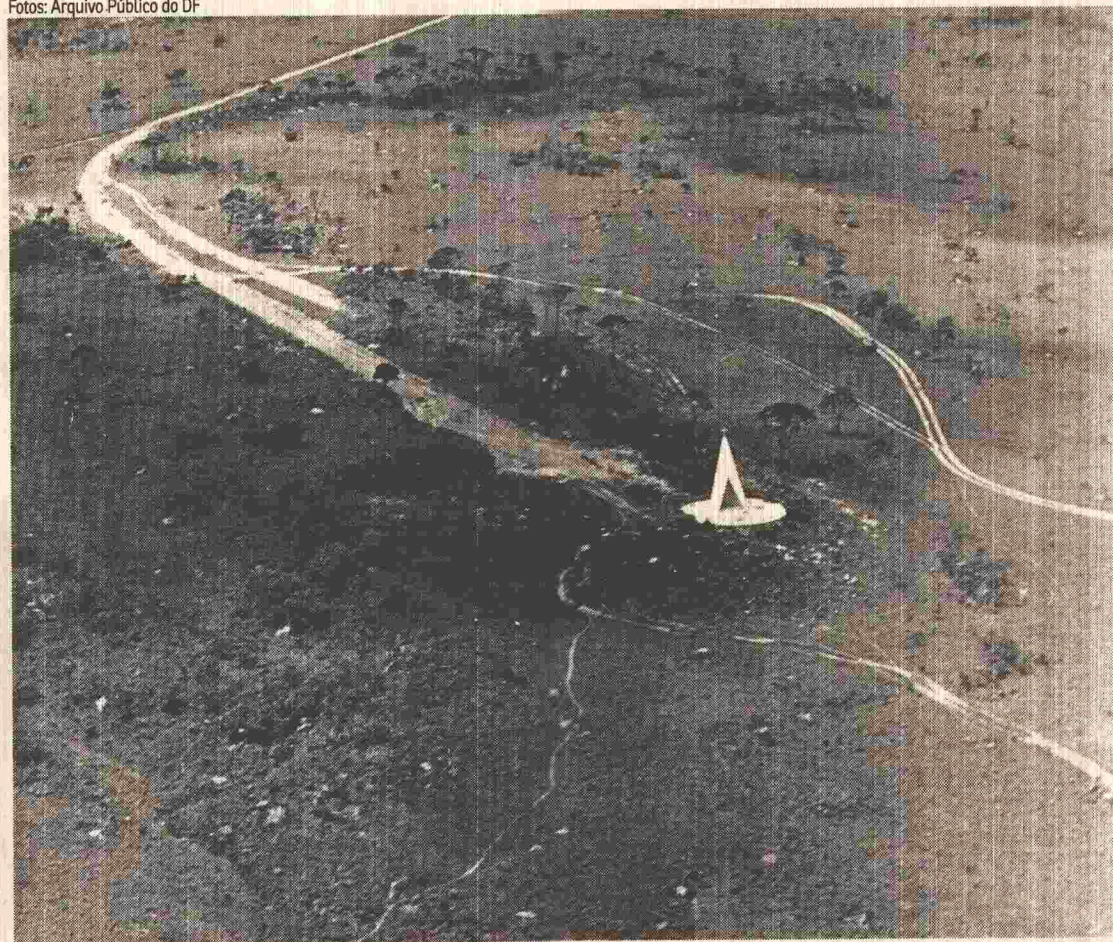
Passa: DF - Brasília

COMO NASCE UMA CIDADE

4

NOS TRÊS PRIMEIROS MESES DE CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA, FEZ-SE MUITO MAIS DO QUE EM QUATRO ANOS DE PREPARATIVOS PARA A COPA DO MUNDO. REPRESENTANTES DE ARQUITETOS E ENGENHEIROS COMENTAM QUE FALTA AO BRASIL DE 2011 A SERIEDADE E O COMPROMISSO COM O PAÍS QUE HAVIA EM 1956

Fotos: Arquivo Público do DF



MIREM-SE NO EXEMPLO

DIÁRIO DE UMA UTOPIA

OUTUBRO

4 de outubro de 1956 — Bernardo Sayão arma a sua barraca. Ao lado, outra barraca, grande, é construída para os operários.
10 de outubro — O engenheiro Joffre Mozart Parada chega a Brasília.
16 de outubro — Começa a construção da rodovia Anápolis/Brasília.
17 de outubro — Amigos de Juscelino decidem construir um palácio de tábuas na nova capital.
18 de outubro — Dez homens deixam Belo Horizonte em três caminhões FNM carregados de comida, móveis e material de construção. A viagem dura quatro dias.
22 de outubro — Dez operários começam a construir o Palácio de Tábuas.
25 de outubro — Chega a segunda frota de caminhões. Traz comida, ferramentas, móveis e objetos para a casa presidencial, uma geladeira incluída.
28 de outubro — Um DC-3 traz a Brasília os equipamentos para a instalação da estação de rádio da Panair, empresa de aviação.
31 de outubro — Os técnicos da Panair conseguem completar a primeira transmissão de rádio para a Panair do Rio de Janeiro. Já havia no sítio da nova capital 232 operários acampados em barracas de lona do Exército.

NOVEMBRO

1º de novembro — Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer e Marco Paulo Rabelo escolhem o lugar onde será construído o Palácio Residencial, o Hotel de Turismo e o Aeroporto Comercial.
2/3 de novembro — É escolhido o local para o edifício provisório da administração da Novacap. Também é feita a limpeza das áreas das primeiras construções e a abertura das estradas de serviço. Chegam os primeiros tratores da Coge para a construção do aeroporto.
6 de novembro — É concluído o Catetinho.
10 de novembro — É inaugurado o Catetinho.

DEZEMBRO

2 de dezembro — Oscar Niemeyer apresenta, em maquete, o projeto do Palácio Residencial.
16 de dezembro — Fica pronto o traçado da Cidade Livre, de três avenidas paralelas ao traçado da BR-060 e a Avenida Contorno.
31 de dezembro de 1956 — Fica pronta a Ermida Dom Bosco. Já havia quase mil trabalhadores em Brasília.

» CONCEIÇÃO FREITAS

A construção de Brasília em três anos e dez meses é a imagem invertida da confusa lentidão com que o país se prepara para receber atletas, turistas, autoridades e jornalistas de todo o planeta daqui a três anos. São grandes as diferenças entre o Brasil de 1956 e o de 2011: “Naquele tempo, havia planejamento, havia vontade política e havia um sonho”, diz o presidente do Crea/DF (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura), Francisco Machado. “Existia seriedade e compromisso com o país”, completa o presidente nacional do IAB (Instituto de Arquitetos do Brasil), Gilson Paranhos. Também existia, cita Paranhos, respeito pelos profissionais da arquitetura e engenharia: “Juscelino ouvia Lucio Costa, ouvia Oscar Niemeyer, ouvia Israel Pinheiro. Hoje, a presidente (Dilma Rousseff) não nos ouve”. Naquele tempo, Niemeyer fez um palácio de tábuas para o presidente da República. “De tábuas! Fosse hoje, seria feita uma obra imensa, cara e demorada.”

Mesmo com os atrasos e as confusões nos preparativos para a Copa e as Olimpíadas, arquitetos e engenheiros estrangeiros, especialmente dos países em crise, estão conectados com a realidade brasileira tentando descobrir se há mercado de trabalho para eles. Não há semana em que o Instituto de Arquitetos do Brasil não receba e-mails ou visita de portugueses e espanhóis pedindo informações sobre o mercado de trabalho no país.

Com os dois países enfrentando graves crises políticas e econômicas, os profissionais de arquitetura e engenharia da Europa ibérica querem vir para a ex-colônia. Em recente palestra numa feira de construção civil em Barcelona, o presidente do IAB nacional foi crivado de perguntas sobre as obras para a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Querem saber se, afinal, o país estará preparado para receber os dois mais importantes torneios esportivos do mundo. Paranhos reconheceu que o Brasil está enfrentando problemas seriíssimos no andamento das obras, e citou Brasília. “Fizemos uma capital em menos de três anos, com o cimento vindo de avião e o resultado disso é hoje patrimônio da humanidade.” Ao que o presidente do Crea/DF completa: falta ao Brasil do começo do século 21 “amor à coisa pública, integração, transparência e vontade de fazer as coisas bem feitas”.

Se, em quatro anos de preparativos para a Copa e as Olimpíadas, as obras continuam claudicando, ao fim dos três primeiros meses de construção da nova capital (outubro, novembro e dezembro de 1956), o balanço foi o seguinte:

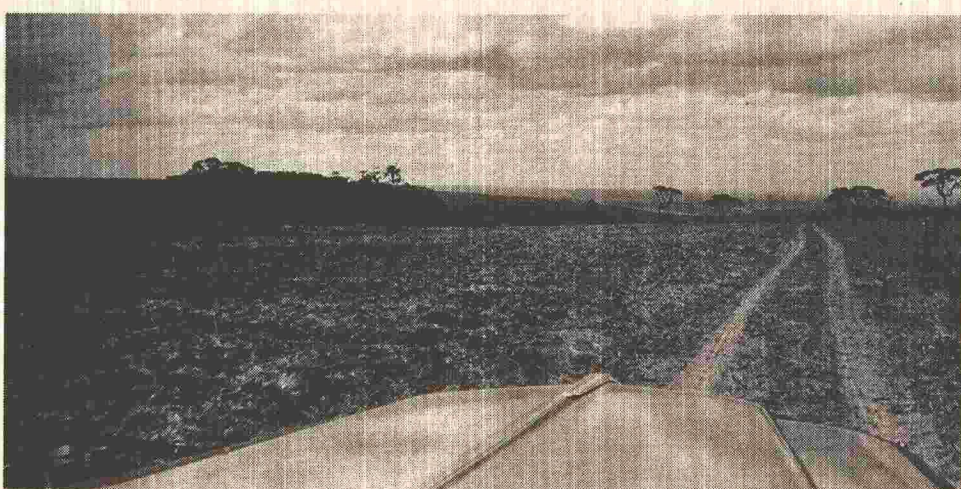
- Estava pronto o Palácio de Tábuas (o Catetinho);
- Foi inaugurada a primeira obra de alvenaria, a Ermida Dom Bosco.
- A rodovia Anápolis-Brasília começou a ser demarcada.
- A Cidade Livre foi demarcada, três avenidas paralelas à Anápolis-Brasília.
- O Aeroporto Comercial começou a ser construído.
- Israel Pinheiro, Joffre Mozart Parada e Oscar Niemeyer escolheram o local onde o Palácio Residencial (Palácio da Alvorada) e o Hotel de Turismo (Brasília Palace Hotel) seriam construídos.
- Oscar Niemeyer concluiu os projetos do Palácio Residencial e do Hotel de Turismo.
- Foram construídos o primeiro galpão da Novacap, o primeiro restaurante da companhia, as primeiras casas de madeiras para engenheiros e técnicos e os primeiros alojamentos para os operários.
- Ergueu-se um posto de saúde, pequeno cômodo de madeira, para receber o primeiro médico candidato, Edson Porto.

O começo foi lento, é verdade. Passaram-se pouco mais de dois meses entre a posse de Juscelino e o envio do projeto de lei que criava a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). Perdeu-se muito tempo esperando a votação no Congresso (cinco meses). Mas, depois de a Lei nº 2.874 ter sido votada, aprovada e sancionada, em 19 de setembro, surgiu um sentimento de urgência coletiva. Após a primeira visita de Juscelino ao sítio da nova capital,

o relógio do Cerrado passou a contar o tempo no ritmo da batida do martelo.

O que aconteceu no sítio da nova capital desde a vinda de Juscelino, a 2 de outubro de 1956, até a posse de Jânio Quadros, em 31 de janeiro de 1961, foi mais que uma mudança radical na utilização do tempo. “Foi um surto coletivo”, diz a gerente de documentação do Arquivo Público do Distrito Federal, Sandra Torres, 51 anos, filha de pioneiros e brasiliense de nascimento. Há 17 anos, Sandra se ocupa da história da construção de Brasília. Conhece cada documento, desde os mais importantes, como o Relatório Belcher (estudo aerofotogramétrico e topográfico do Distrito Federal), até a mais insignificante nota fiscal emitida pela Novacap. É inacreditável, comenta a pesquisadora, a rapidez com que as coisas aconteciam. “Era um ritmo inimaginável para os dias de hoje.”

Não havia diferença entre o dia e a noite, tempos de chuva e os de sol. Todos os relatos históricos dos três primeiros meses da construção revelam que foram dias de aguaceiro. O engenheiro Bernardo Sayão, que deixara o cargo de vice-governador de Goiás para ser diretor da Novacap, passou boa parte do tempo tomando providências para desatolar os caminhões carregados de alimentos, de material para sobrevivência no Cerrado e de material de construção. “Quando vim de Anápolis para Brasília, em dezembro de 1956, havia uma fila sem tamanho de caminhões atolados. Eu mesmo tive que descer umas doze vezes para descarregar parte do jabá que



As primeiras trilhas foram abertas no Cerrado pelos pneus dos carros que cortavam o deserto. Barracos eram feitos de imediato para o descanso dos visitantes